



COMMUNICATION, LITERATURE AND EXPERIENCE: study about the reception of non-fiction books of Daniela Arbex

*Poliana Sales ALVES*⁴⁷

*Marina Gama COSTA*⁴⁸

RESUMO - Este trabalho realiza um estudo de recepção de livros-reportagem produzidos pela jornalista Daniela Arbex, tendo como base teórico-metodológica a Estética da Recepção. Seguimos principalmente as premissas de Belo (2017), Sodré (2012), Zilberman (1989) e Iser, (1999) com o objetivo de entender a importância do processo de produ o das narrativas jornalísticas, da rela o do leitor com a obra jornalística, além de compreender o impacto dos livros-reportagem nos leitores e a possibilidade de provocar experiências sensíveis no processo de recep o das obras.

PALAVRAS-CHAVE: Daniela Arbex. Estética. Investiga o. Narrativa. Recep o.

ABSTRACT - This work achieves a study about the reception of non-fiction books works produced by the journalist Daniela Arbex, based on a theoretical-methodological approach called reception aesthetics. We follow the premises by Belo (2017), Fortes (2005), Kotscho (1986), Sodr  & Ferrari (1986), Zilberman (1989) and Iser (1999) in order to understand the importance of the production process of journalistic narratives, the characteristics of the report and the relation between the reader and the journalistic work, besides that, the understanding of the impact of these non-fiction books on readers and the possibility of fomenting sensitive experiences in the process of receiving works.

KEY-WORDS: Daniela Arbex; Aesthetic; Investigation; Narrative; Reception.

⁴⁷ Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Estácio de São Luís. Possui Mestrado em Cultura e Sociedade (UFMA 2013.1) e gradua o em Comunica o Social com habilita o em Jornalismo (UFMA 2008.1); e também especializa o em Assessoria de Comunica o (Fac. São Luís 2010.2).   pesquisadora, integra e lidera o grupo de pesquisa Comunica o, experiência estética e sociabilidade, desenvolve estudos sobre jornalismo, narrativas midiáticas, violência, experiência estética e m dia. Integra o Comit  Institucional de Inicia o Científica (CIIC) da Estácio São Luís.

⁴⁸ Graduada em Comunica o Social, com habilita o em Jornalismo, pela Faculdade Estácio de São Luís. Integra o grupo de pesquisa Comunica o, experiência estética e sociabilidade, desenvolvendo estudos sobre jornalismo, narrativas, experiência estética e m dia.

1. Introdução

Entender como ocorre a produção de reportagens é saber das técnicas, conhecer suas características. É preciso investigar, apurar, pesquisar. Mas também é necessário que o repórter saiba não apenas o que contar, mas como contar. Trazer elementos essenciais, uma informação completa e detalhada, com uma narrativa que prenda a atenção do leitor. Esse detalhamento traz elementos essenciais, precisa apresentar o fato, quando este ocorreu, o seu cenário, seus personagens, como e porque se deu esse acontecimento, bem como as consequências dele.

Além do caráter narrativo, é importante que, na reportagem, seu conteúdo incite interesse humano. Belo (2017, p. 51) pontua que “a humanização do relato, além de despertar, facilita a contextualização dos fatos e abre boas perspectivas para receptividade da obra no mercado”. A reportagem deve assumir também um papel que vá além da simples informação, devendo seguir caráter impressionista, possibilitando ao leitor maior aproximação com o relato, que são organizados e desenvolvidos sem perder a objetividade e o compromisso com a verdade.

A produção de grandes reportagens, que demandam maior tempo de pesquisa e apuração dos fatos e uma busca mais profunda da informação, está evidentemente relacionada à atividade da investigação, sendo a checagem dos fatos fundamental para o trabalho investigativo, que deve ser feita minuciosamente.

Relacionando os conceitos de reportagem e investigação, pode-se definir a reportagem investigativa de duas formas: a primeira é a de caráter imediato, quando a checagem e apuração das informações são feitas no momento em que o fato chega ao conhecimento da redação. A segunda forma diz respeito a um assunto ou fato não necessariamente atual e urgente, o que permite ao jornalista mais tempo para pesquisar, para buscar novas informações sobre o tema que pretende abordar. Nesta segunda forma, com essa liberdade maior de tempo, a reportagem pode se expandir e ir além das páginas dos jornais, seguindo para as páginas dos livros.

As grandes reportagens muitas vezes acabam deixadas de lado pelo jornalismo instantâneo e dinâmico das redações. Visto isso, alguns jornalistas sentiram a necessidade de uma ferramenta que os permitisse mais liberdade para contar suas histórias sem estarem pressionados pela falta de espaço e tempo e sem, também, perderem as características da reportagem. Dessa necessidade surgiu um novo produto, apresentando uma hibridação entre

jornalismo e literatura: o livro-reportagem. Nesse caso em especial há o uso de narrativa característica do jornalismo literário, uma vez que a reportagem é publicada em forma de livro. Segundo Vilas Boas (1996, p.60),

ser expressivo significa, dentre outras coisas, que sua reportagem narrativa tem a obrigação de informar sempre de modo mais transparente. Por outro lado, ser literário significa, grosso modo, narrar com efeito, com beleza e imaginação. Sem perder de vista os fatos.

Dessa forma, o livro-reportagem exige do jornalista um cuidado na escolha da abordagem para que o leitor se prenda à narrativa do início ao fim, bem como uma apuração dos fatos mais aprofundada, para que informações importantes para a construção do relato não se percam, mantendo assim o compromisso com a veracidade e chamando atenção do receptor para o tema apresentado, despertando-o para outras possíveis discussões.

Partindo de um olhar diferente e criativo, a reportagem em livro possibilita ao fato narrado um caráter “atemporal”, visto que a escrita em livros é uma forma de eternizar a história e trazê-la sempre para discussão, relacionando-a aos fatos atuais e como as possíveis consequências influenciam na sociedade.

Sodré (2012, p. 139) pontua que “a atividade literária, como bem se sabe, sempre esteve ligada à prática do jornalismo”. Ele afirma que

quando um jornalista se comporta como narrador literário – por exemplo, usando linguagem pessoal ou coloquial, colocando a si mesmo na cena do acontecimento, dando cores de aventura romanesca a seu relato, litigiando com as fontes de informação, etc. – não está “fazendo literatura”, e sim lançando mão de recursos da retórica literária para captar ainda mais a atenção do leitor. (SODRÉ, 2012, p. 144).

Essa atenção captada pelo produto se desenvolve por meio de uma relação entre a obra e o receptor, através de um processo de recepção, muito importante para a produção literária e, posteriormente, para a comunicação. Pode ser percebido então que, por meio do texto jornalístico produzido em bases literárias, o livro-reportagem consegue despertar, em maior ou menor grau, diversas experiências ao longo da leitura.

2. Experiência e produção de sentidos

O termo experiência diz respeito ao conhecimento gerado por meio de vivência ou prática de determinada atividade ou situação vivida, podendo estar relacionado a diversas áreas, dentre elas a experiência sensorial, foco deste artigo. Esse tipo de experiência ocorre em níveis e caracteriza-se de acordo com a intensidade da fruição e com o objeto causador dessa experiência, bem como das características pós-experiência.

Dewey (2010, p. 122) pontua que “toda experiência é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive”. O indivíduo que realiza uma ação está sujeito às consequências desse ato. A experiência segue até o momento em que essa interação se estabiliza e ambos envolvidos na experiência (indivíduo e objeto) se adaptam às consequências da ação.

A experiência sensível, ou experiência estética, era uma função estritamente relacionada ao artístico e às belas artes produzidas exclusivamente para deleite. Atualmente, os estudos estéticos contemporâneos⁴⁹ consideram que esta experiência passa a atingir novos patamares, abrangendo outras formas de percepção a objetos chamados extraestéticos, criados para outra finalidade, mas com potencial para produzir fruição estética. A origem desse termo vem com os estudos do alemão Alexander Baumgarten (1750), que retoma “uma raiz verbal grega (*aisth*), ligada à ideia do sentir, mas não com o coração e com o sentimento, mas sim com os sentidos, com a rede das percepções físicas” (BARILLI, 1989, p. 18).

De maneira geral, nos estudos de obras literárias, observa-se a relação que se estabelece entre o objeto (a obra), o leitor e o autor. Neste momento marcado por percepções características da contemporaneidade, devido à internet e ao desenvolvimento de plataformas de compartilhamento de conteúdos, essa interação ocorre de maneira instantânea. Interessa pontuar a importância do receptor nesse processo literário, destacando suas duas fases: a primeira, antes do conhecimento sobre o objeto, com suas percepções iniciais cotidianas; e a segunda, após a recepção, com suas experiências posteriores aos estímulos causados pela obra.

Esta relação entre o produtor, a obra e o sujeito receptor é presente e necessária e se dá principalmente “pelo fato de estarmos diretamente envolvidos e, ao mesmo tempo, de sermos transcendidos por aquilo em que nos envolvemos” (ISER, 1999, p. 13). Esse envolvimento, ou identificação, do leitor com a obra é o que pode garantir ao sujeito receptor uma série de sensações produzidas ao longo da leitura. Essas reações, como o choque, a agonia, o choro etc., são intensificadas de acordo com o grau de identificação aliado à capacidade do autor de estimular essa produção de sentidos através de elementos sugestivos presentes na narrativa.

⁴⁹ Estudos que retomam as ideias de Baumgarten (1750) de um campo estético mais abrangente, não apenas focado em objetos artísticos produzidos unicamente para produzir experiências, mas na possibilidade de fruição estética, em maior ou menor grau, gerada por qualquer objeto.

Os estudos estéticos voltados para produções literárias desenvolveram-se por meio da Estética da Recepção, que veremos no tópico a seguir.

3. Literatura e recepção: a Escola de Constança

A Estética da Recepção considera a literatura como um processo estruturado no tripé produção/recepção/comunicação, uma relação dinâmica entre autor, obra e leitor. Isso explica o porquê de escolhermos como referencial para o estudo de recepção dos livros-reportagem da jornalista Daniela Arbex, uma vez que ela interage com seus leitores por meio de comentários e *reposts* das experiências dos leitores na plataforma digital *Instagram*⁵⁰.

A Estética da Recepção considera a literatura como um processo estruturado no tripé produção/recepção/comunicação, uma relação dinâmica entre autor, obra e leitor. Isso explica o porquê de escolhermos como referencial para o estudo de recepção dos livros-reportagem da jornalista Daniela Arbex, uma vez que ela interage com seus leitores por meio de comentários e *reposts* das experiências dos leitores na plataforma digital Instagram .

Jauss (1969) desenvolve, a partir de seus estudos, teses que comprovam suas ideias. Dentre elas, podemos identificar o que ele nomeia “horizonte de expectativas”, que diz respeito aos caminhos dispostos pela obra, que direcionam o leitor a determinada experiência, baseados em um “saber prévio”, por meio de elementos característicos que atraem o receptor para seu conteúdo, presente no indivíduo “como um saber construído socialmente e de acordo com o código de normas estéticas e ideológicas de uma época” (COSTA, 2010, p. 04). Considera então uma nova perspectiva para análise no andamento das recepções, na qual cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social – uma medida comum localizada entre essas reações particulares; este é o horizonte que marca os limites dentro dos quais uma obra é compreendida em seu tempo e que, sendo “trans-subjetivo”, “condiciona a ação do texto” (JAUSS apud ZILBERMAN, 1989, p. 34).

Como defende Jauss (1969), a literatura é vista não mais pelo aspecto cronológico, mas por sua historicidade. Isso implica dizer que uma obra não pertence a um único tempo, sendo atualizada constantemente, uma vez que o leitor consome produções de diversos períodos. Portanto é de grande importância para o processo de circulação das produções literárias no âmbito social a participação ativa do sujeito receptor.

⁵⁰ Rede social digital criada em 06 de outubro de 2010, que possibilita ao usuário o compartilhamento de conteúdos, como fotos e vídeos.

Iser (1999, p. 97) explica que “a leitura acopla o processamento do texto com o leitor; este, por sua vez, é afetado por tal processo”. Através dessa afetação, em um processo de identificação, a obra possibilita ao leitor uma espécie de renovação de percepções, sensações e pensamentos. A esta ideia Jauss (1969) associa o conceito de katharsis, terceira categoria de experiência proposta pelo autor, que significa o estado de libertação do receptor, de acordo com as emoções despertadas no momento da identificação “que ocasiona, tanto a liberação, quanto a transformação das convicções do leitor, mobilizando-o para novas maneiras de pensar e agir sobre o mundo” (COSTA, 2010, p. 06). Além disso, caracteriza um elemento fundamental para a comunicação da obra, uma vez que “liberta o espectador dos interesses práticos e dos compromissos cotidianos, oferecendo-lhe uma visão mais ampla dos eventos e estimulando-o a julgá-los” (ZILBERMAN, 1989, p. 57).

A partir das características de investigação e reportagem, atrelados aos estudos de recepção, é importante compreender de que forma esse conteúdo pode gerar experiência estética para o leitor. Na análise das obras “Holocausto Brasileiro”, “Cova 312” e “Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss” utilizamos principalmente essas premissas – tanto o horizonte de expectativas como a katharsis – como bases teórico-metodológicas para nossas análises.

4. Pelas palavras de Daniela Arbex

Trazer um fato novo, ou novas ramificações de um assunto já tratado exigem do profissional capacidade de apresentá-los sob um novo olhar, detalhado e criativo, utilizando as características de uma boa narrativa, sem perder seu comprometimento enquanto jornalista.

Essas características podem ser percebidas nos trabalhos da jornalista Daniela Arbex. Nascida em Juiz de Fora, Minas Gerais, Arbex é formada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora e repórter especial do Tribuna de Minas, onde trabalha há cerca de 20 anos. Suas obras são caracterizadas por apresentarem novas visões de fatos não tão atuais, mas que merecem e necessitam ser trazidos para a memória da história do país. E que trouxeram consequências, feridas que continuam abertas e que talvez nunca cicatrizem.

Primeiro livro-reportagem da jornalista Daniela Arbex e oriundo de uma série de reportagens produzidas em 2011 pela a autora para jornal impresso Tribuna de Minas, “Holocausto Brasileiro” expõe cerca de 50 anos do considerado “holocausto brasileiro”, histórias das vítimas de meio século de tortura e esquecimento nos grandes muros do Hospital Colônia de Barbacena. O Colônia foi um hospício conhecido por receber pessoas de vários

lugares do país, muitas vezes sem nenhum diagnóstico que comprovasse a necessidade de interdição.

“Cova 312”, segunda obra de Daniela Arbex, ambienta-se no contexto de tortura e poder militar vivido nos tempos da ditadura. Leva esse nome devido ao seu caso principal: Milton Soares de Castro, militante político guerrilheiro de 26 anos preso em 1967, torturado e morto na Penitenciária de Linhares, em Juiz de Fora. Teve seu corpo escondido de forma desumana de seus familiares após um suicídio forjado em um cenário digno de cinema.

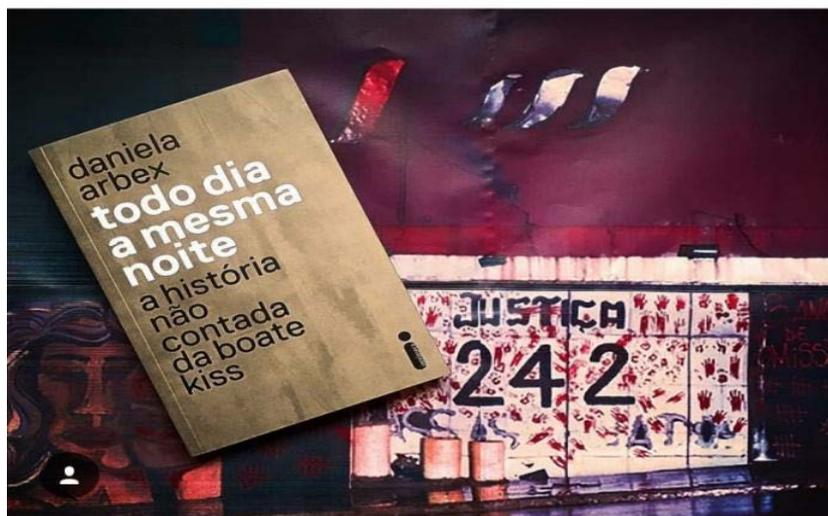
Em sua terceira obra, publicada em 2018, Arbex narra “a história não contada da boate Kiss”, uma casa noturna de Santa Maria, município do estado do Rio Grande do Sul, que na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013 sofreu um incêndio causado por um sinalizador disparado no palco em direção ao teto, pelo vocalista da banda local Gurizada Fandangueira, que realizava uma apresentação naquela noite.

5. Comunicação, literatura e experiência

Nas narrativas jornalísticas analisadas – “Holocausto Brasileiro”, “Cova 312” e “Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate Kiss” – as experiências podem ser provocadas em maior ou menor grau devido às suas características extraestéticas, conforme explicamos anteriormente. Essas possibilidades de fruição estética causam dois possíveis tipos de afetação: despertam sensações (nos casos das obras analisadas o choque, o medo, o descontentamento, desconforto) e ativam no leitor a necessidade do compartilhamento dessas emoções.

Segundo Quéré (2010, p. 20), “prestar conta da experiência é descrever uma vivência ou um sentido subjetivo, ou ainda restituir aquilo que foi sentido, experimentado, ou uma percepção subjetiva da situação”, e uma vez que essa experiência é compartilhada, mantém-se a história contada e os assuntos discutidos em constante pauta. É ainda uma maneira de que mais leitores tomem pra si essa experiência e a passem adiante.

Figura 1: “Esse livro me fez chorar, mas além do desalento, me fez experimentar outros sentimentos como dor, sede, falta de ar, revolta e lá no fundo, um pontinho de esperança”



Fonte: @ivigaucha, via Instagram

Braga (2010, p. 80) afirma que “hoje mais pessoas expressam de múltiplas maneiras o que sentem”. Nota-se a importância do leitor para esse processo e como ele, aliado a ferramentas que permitem externar essa vivência com a leitura (no caso, a plataforma digital Instagram), conseguem fazer com que o produto e a informação alcancem mais leitores e produzam outras experiências.

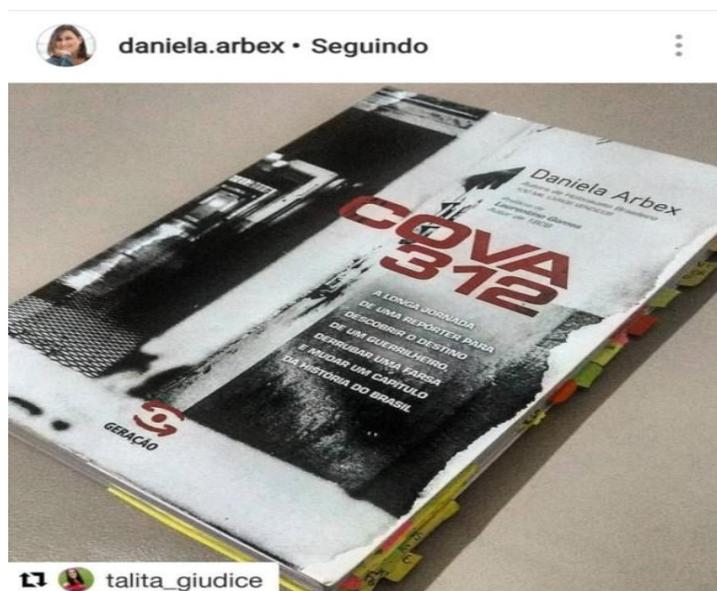
É possível que em uma narrativa jornalística, além da informação tratada, outros diversos elementos façam parte e a complementem. Em se tratando das obras de Daniela Arbex, a autora mescla dados informativos, mas vai além na forma de apresentar esse conteúdo, na maneira de contar as histórias não tão atuais, mas trazendo sempre um elemento novo. Mari (2010, p. 134) pontua que em elementos extraestéticos, e mais especificamente na comunicação, “é esse além que ultrapassa a sua função imediata que um gênero está apto a prover para o leitor uma perspectiva para o reconhecimento do estético”, uma vez que “somos leitores movidos por uma curiosidade eclética ou por inquietação ilimitada pela informação”.

Como consome produções de épocas variadas, o leitor acumula conhecimentos sobre diversos temas e acontecimentos. Também por isso é importante, uma vez que com sua recepção torna o fato sempre presente na história, proposta de Arbex ao produzir as obras analisadas. O leitor retoma o fato e se torna parte da discussão. Através de suas percepções anteriores e posteriores à recepção, este compartilha suas experiências com a leitura, seu descontentamento, tristeza, choque, emoções que lhes são despertadas e os leva à necessidade de falar sobre o assunto. É interessante observar a reportagem dentro de uma temporalidade

desprendida das linhas do passado, presente e futuro. E nesse caso, principalmente, vai além de uma

(...) retrospectiva de acontecimentos históricos, mas necessariamente orienta sua cotemporalidade entre acontecimento e circulação do acontecimento; não os priva, e sim os orienta por linhas de fuga que figuram representações de passado e futuro. (ANTUNES, 2010, p. 160-161)

Figura 2: "Não é passado, é presente! Aqueles que pedem de volta, pisam nas histórias de quem resistiu aos momentos obscuros que o Brasil viveu"



Fonte: @talita_giudice, via repost da autora no Instagram

Jauss, por meio de seus estudos, divide este operador de análise em três etapas vividas pelo leitor no processo de recepção. Silva & Paz (2014, p. 04) explica que “a hermenêutica literária tem a tarefa de dar compreensão às obras do passado, reconstruindo o horizonte original” de modo a ressignificar esse horizonte relacionando os fatos relatados anteriormente ao tempo presente e ao comportamento atual da sociedade e como estes fatores afetam o receptor. Desta forma, as etapas se configuram como

(...) o horizonte progressivo (compreensão) da experiência estética, que reconstitui a apreensão do texto através da leitura; o horizonte retrospectivo da compreensão interpretativa (interpretação), com a função de esclarecer detalhes, elucidar conjeturas e procurar sentidos, e leitura reconstrutiva (aplicação), conhecimento histórico, que localiza o texto na época, as mudanças por que passou e que provocou e o modo como foi assimilado no decorrer do tempo. (SILVA & PAZ, 2014, p. 04)

Através de cada livro, o leitor conhece a luta de cada personagem contra o esquecimento. A luta de cada parte integrante dessas histórias contra o trauma. E pelo compartilhamento de suas impressões, dissemina essa discussão, cumprindo com o objetivo da autora com cada obra: não permitir o esquecimento e a presente injustiça. Também por isso

é importante, uma vez que com sua recepção torna o fato sempre presente na história, proposta de Arbex ao produzir as obras analisadas. Braga (2010, p. 80) afirma que “com as atuais possibilidades de rede informatizada, um grande número de participantes sociais pode contar suas experiências”.

Entende-se que a compreensão da ideia proposta pelo autor é intrínseca de cada leitor, portanto esta só será concretizada “se o texto conseguir ativar certas disposições da consciência – a capacidade de apreensão e de processamento” (ISER, 1999, p. 09). Analisando postagens na plataforma digital Instagram, pudemos observar a importância dessa relação que possibilita ao sujeito passar por diversas emoções como o choque, a compaixão, o horror, o choro, a simpatia, a reflexão, uma vez que o texto sua composição e a maneira como a narrativa é construída possuem o potencial para provocar novas experiências e reativar experiências já vividas.

O leitor, através da experiência com a recepção das obras, permite-se sentir parte de cada história contada, despertando sensações de acordo com cada obra lida. Desenvolve também sentimento de gratidão pelo trabalho da autora ao trazer de volta as diversas discussões propostas por cada livro-reportagem e revela ao leitor mais que prazer estético, um comportamento social que o motiva à ação, como o conceito de katharsis bem explica.

Essa característica acentua a função comunicativa da arte verbal, que, por seu turno, depende do processo vivido pelo receptor: o de identificação. Esta é provocada pela experiência estética e leva o sujeito à adoção de um modelo. Porque a arte produz a identificação entre o espectador e os elementos – o tema, os heróis ou ambos – ali apresentados, ela pode agir como transmissora de normas (ZILBERMAN, 1989, p. 57).

Figura 3: "Ainda consigo sentir o cheiro nauseante do Colônia mesmo após sua extinção"



Fonte: @tvolvean, via repost da autora no Instagram

Percebe-se que a autora preza bastante por essa identificação e interação dos leitores e reforça a importância da recepção das obras para disseminar seu trabalho, bem como a importância das experiências provocadas nos leitores e o compartilhamento das sensações geradas por cada narrativa. Os leitores contribuem para refirmar os debates sugeridos por Arbex e de acordo com o grau de afetação provocado pelas obras, encontra a necessidade de falar sobre as emoções provocadas, interagindo com outras experiências.

6. Considerações finais

De acordo com todos os conceitos dispostos neste artigo foi possível compreender o processo de produção de uma narrativa na reportagem, bem como suas principais características. Entendemos os aspectos da produção do livro-reportagem e a importância da relação estabelecida entre leitor, obra e autor, durante a recepção. É interessante a compreensão de que os desdobramentos dessa relação ocorrem de acordo com o impacto do objeto (a obra), a exploração dos sentidos, e a influência desses agentes no âmbito social.

Com os conceitos de investigação no jornalismo, reportagem e livro-reportagem pudemos perceber a importância da pesquisa e apuração na produção para melhor entendimento da ocorrência de um fato, ou para trazer à tona sua lembrança, e como o livro-reportagem utiliza de recursos da literatura em sua narrativa, contando a história de maneira detalhada, elaborada, envolvente, sem perder características do jornalismo, como a objetividade e o comprometimento com a verdade. A partir do consumo dessas reportagens em formato de livro, é possível que o leitor experimente uma série de sensações e faz com que este, após a recepção, se sinta parte da história contada. Foi possível observar que essa identificação se transforma em uma interação dinâmica entre leitor, obra e autor, mantendo o tema abordado nas reportagens em uma presente discussão.

Através de uma narrativa bem desenvolvida, com pesquisas, apurações e produções trabalhadas, Daniela Arbex apresenta em cada obra, além dos bastidores dos fatos, o “depois”, como os personagens lidaram com o ocorrido em cada uma das histórias. Percebemos como a produção da narrativa possibilitou que o leitor de “Holocausto Brasileiro” soubesse como os ex. internos do Hospital Colônia de Barbacena conseguiram superar apesar de seus traumas, a criação das vilas para que essas pessoas pudessem ter uma vida mais digna e normal após saírem do Colônia e também a importância desse caso para a história não apenas da medicina psiquiátrica brasileira, mas para todo o país. Em “Cova 312” a autora permitiu que o leitor, de certa maneira, compartilhasse o sentimento da família do militante Milton ao finalmente saber onde havia sido enterrado seu corpo, mesmo após anos de sua morte, além de entender que

essa é apenas uma dentre várias histórias deste período tão importante para o Brasil que não deve ser repetida. E leitor de “Todo dia a mesma noite” descobriu caminhos para conhecer mais do cenário do incêndio na boate kiss, o desdobramento do caso na justiça e as ações realizadas pela população de Santa Maria durante esses seis anos. O horizonte de expectativas disposto pela autora em cada obra, que se refere ao tempo em que cada uma delas se situa, relaciona-se com o tempo presente, reafirmando que a produção literária baseia-se não mais no aspecto cronológico, e sim da capacidade de uma obra romper essa barreira temporal e se ressignificar a cada leitura e a cada época.

Após analisar as postagens do Instagram, percebemos como o receptor é “tocado” por cada obra. Percebe-se que a identificação de um fato novo, ou a exploração de um fato já existente que cause comoção e gere um sentimento de identificação do leitor é um fator importante para causar impacto aos leitores. No caso das obras analisadas, cada narrativa representa um momento da história do país que deve ser conhecido e trazido sempre para discussão.

A maneira como são construídas as narrativas, a escolha dos depoimentos, o destaque para relatos mais fortes e que tenham relevância para a sociedade, a utilização de características que atraem a atenção do receptor foram elementos tão importantes quanto os fatos contados em cada obra. Os relatos dos leitores reforçam a imponência da narrativa de cada livro-reportagem e impedem seu esquecimento ao permitirem que o receptor, além de se colocar no lugar do outro, ajude a manter essas histórias no presente, convidando outras pessoas a conhecerem as obras e compartilharem suas experiências.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Elton. De certezas e desvios: a experiência “modelizada” no texto jornalístico. In. LEAL, B. S.; GUIMARÃES, C.; MENDONÇA, C. Entre o sensível e o comunicacional. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

ARBEX, Daniela. Cova 312. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

ARBEX, Daniela. Holocausto Brasileiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

ARBEX, Daniela. Todo dia a mesma noite: a história não contada da boate kiss. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

- BARILLI, Renato. Curso de Estética. Lisboa: Editora Estampa, 1989.
- BELO, Eduardo. Livro-reportagem. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- BRAGA, José Luís. Experiência Estética & Mediatização. In. LEAL, B. S.; GUIMARÃES, C.; MENDONÇA, C. Entre o sensível e o comunicacional. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva. Estética da recepção e teoria do efeito. Disponível em <https://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est_recep_teorias_efeito.pdf> Acesso em 31 de out.2018.
- DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ISER, Wolfgang. O Ato da Leitura: Uma Teoria do Efeito Estético. Vol. 2. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARI, Hugo. O texto como modelo de experiência estética: sensação ou percepção?. In. LEAL, B. S.; GUIMARÃES, C.; MENDONÇA, C. Entre o sensível e o comunicacional. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- QUÉRÉ, Louis. O caráter impessoal da experiência. In. LEAL, B. S.; GUIMARÃES, C.; MENDONÇA, C. Entre o sensível e o comunicacional. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- SILVA, A. C. S.; PAZ, Ravel Giordano. Observações sobre a aplicação da metodologia da estética da recepção a Helena, de Machado de Assis. Disponível em <<http://periodicos.ufes.br/reel/article/view/11085/7744>> Acesso em 8 de nov.2018.
- SODRÉ, Muniz. A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- VILAS BOAS, Sérgio. O Estilo Magazine – O Texto em Revista. São Paulo: Summus Editorial, 1996.
- ZILBERMAN, Regina. Estética da Recepção e História da Literatura. São Paulo: Editora Ática, 1989.